

# Empresariado não poupa verba na campanha do DF

**Marcos Magalhães**

**Brasília** — Para disparar no primeiro lugar das pesquisas eleitorais em Brasília como candidato preferido ao Senado, Meira Filho, do PMDB, só precisou da popularidade que acumulou durante anos como animador de programas diários da Rádio Planalto. Para financiar a campanha, porém, valeu-se de uma invenção brasileira: a UFP.

Versão urbana da UDR, que reuniu latifundiários contrários à reforma agrária, a União de Forças Políticas — que disporia de Cz\$ 80 milhões para a campanha — nasceu para garantir aos empresários da capital as fatias mais gordas da primeira representação política do Distrito Federal, que será composta por oito deputados e três senadores.

A primeira vitória foi obtida pela UFP, sem esforço, na quarta-feira passada, quando o Tribunal Regional Eleitoral impugnou a candidatura do deputado Múcio Athayde — o “homem do chapéu” — ao Senado, por abuso de poder econômico. Mas a decisão, comemorada em grande estilo como restauradora da moralidade da campanha, vai tirar de circulação apenas um punhado de cruzados, pois o dinheiro continua o grande eleitor na Capital.

— Criamos a UFP para defender Brasília de pessoas que nada têm a ver com a cultura candanga — diz Francisco Carneiro Filho, fundador da União junto ao pai, candidato à Câmara pelo PMDB. “Os grupos econômicos montados em Brasília têm medo de perder seus privilégios quando eu assumir o governo do Distrito Federal”, rebate Múcio, também do PMDB.

## Voto caro

A briga entre poderosos capitalistas dentro do mesmo partido revela uma faceta importante da eleição: como nunca ninguém votou na capital, candidatos e eleitores não se conhecem, e quem quer chegar ao Congresso tem de gastar fortunas para virar assunto nas ruas. Os que têm mais investem alto na disputa pelo poder.

Foi para barrar o crescimento de Múcio que os empresários de Brasília criaram a UFP. Depois de vender torres nunca construídas na Barra da Tijuca, em sua passagem pelo Rio, e de comprar o jornal O Guaporé de Porto Velho apenas para eleger-se deputado (após o pleito abandonou tudo em Rondônia), ele construiu em Brasília um forte esquema eleitoral, baseado na distribuição diária de 1 mil 500 litros de leite e paês na periferia da capital.

Mesmo que o deputado seja mantido fora da disputa pelo Tribunal Superior Eleitoral, a quem recorreu, a luta pelas vagas de senador em Brasília continua sendo travada por fortes grupos econômicos. Afinal, quem se sair consagrado das urnas marca pontos na corrida pela sucessão, do governador José Aparecido, que os políticos locais querem ver disputada no voto.

Apoiados pela UFP, aparecem em sublegenda Meira Filho e o empresário Lindberg Aziz Cury, presidente da Associação Comercial do Distrito Federal, ambos do PMDB. No PFL, despontam como fortes candidatos ao senado os também empresários Osório Adriano — amigo do ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, — e Antônio Venâncio da Silva.

## “Lobbies”

Na batalha pelos votos, fortes lobbies entram no jogo. O maior financiador da UFP, Vagner Canhedo, é proprietário da empresa de ônibus Viplan, uma das maiores do país. Se um dos dois candidatos que apóia for eleito, ficará mais fácil para Canhedo manter sua folgada posição no mercado da capital, onde as passagens de ônibus são as mais caras do Brasil.

Dono de uma concessionária de automóveis e de uma fábrica de modems-adaptadores de computadores a telefones — Osório Adriano defende a instalação no Distrito Federal de um pólo de alta tecnologia. “Temos de ser sensíveis ao desemprego”, diz o candidato, que alocou para sua campanha boa parte de seus 1 mil 400 funcionários.

A indústria de construção civil, por sua vez, quer ver abolidas as leis que limitam em seis andares o gabarito dos edifícios residenciais do Plano Piloto. Esta seria a primeira medida que o empresário Antônio Venâncio da Silva, candidato ao Senado, tomaria se um dia se elegeisse governador.

Dotado de pouquíssima instrução, ele chegou cedo a Brasília e, comprando e vendendo terrenos, fez a maior fortuna da cidade. “Nem sei mais quantos imóveis tenho”, despista o empresário, que completa 75 anos exatamente no dia da eleição. Venâncio assegura que construiria muito mais se o gabarito atual caísse.

— Brasília deveria ter prédios maiores — diz ele. O meu sonho é um dia chegar à cidade, de avião, e ver lá do alto aqueles edifícios de 20 ou 30 andares. Ficaria muito mais bonito,